

# Marx e o fetiche da mercadoria: contribuição à crítica da metafísica

JADIR ANTUNES

*Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2018. 408p.*

*Cristian Arão Silva de Jesus\**

Afirmações como “o mercado está animado” ou “o mercado está confuso” são extremamente comuns em noticiários sobre economia ou política. Os economistas e jornalistas de economia levam tão a sério essa prosopopeia que parecem estar, de fato, comentando os sentimentos e sensações de um ser vivo consciente. A preocupação em manter o mercado saudável, inclusive, sobrepõe-se à necessidade de manter o povo saudável. Esse fenômeno de hipostasia do capital, isto é, essa forma de encarar o mercado como uma entidade, é decorrência, segundo Marx, do fetichismo. É como se um feitiço encantasse as pessoas e elas passassem a compreender a mercadoria, o dinheiro e o capital como seres vivos, animados e divinos. Esse é o tema geral do livro de Jadir Antunes.

Marx inicia sua investigação n’*O capital* analisando a mercadoria e, mais profundamente, o fetichismo da mercadoria. Entretanto, o primeiro capítulo do livro (onde é desenvolvida a análise do fetiche) é considerado por muitos como uma das seções de mais difícil compreensão. Por esse motivo, Althusser (dentre outros) aconselha iniciar a leitura da obra ignorando essa parte. É justamente o fetichismo, conceito tão importante para a compreensão do pensamento de Marx, mas que também pertence a uma seção de difícil entendimento, a base para o pensamento desenvolvido por Antunes em *Marx e o fetiche da mercadoria*.

---

\* Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: cristian\_arao@hotmail.com

Embora alguns autores enxerguem em Marx uma herança da metafísica, Antunes defende que a teoria marxista é uma crítica à essa concepção em todos os momentos. De acordo com Althusser, o pensamento de Marx é marcado por um corte epistemológico que cria duas grandes fases. A primeira fase, representada pelos *Manuscritos econômico-filosóficos*, seria antimaterialista e metafísica. Para Antunes, *O capital* é uma espécie de desenvolvimento das ideias forjadas nos Manuscritos de 44. Dessa forma, seja em sua juventude, seja em sua fase madura – segunda fase, segundo Althusser –, Marx possuiria, segundo Antunes, uma posição contrária à metafísica.

Segundo o autor, a crítica ao capital é no fundo uma crítica à metafísica, aos entes metafísicos fetichizados. Com a divisão e a exploração do trabalho, o trabalhador não se reconhece no produto da sua labuta, ele o estranha. Dessa forma, primeiramente, a mercadoria aparece como ser vivo, como sujeito, enquanto o trabalhador, transformado em uma peça na engrenagem na produção, é objeto. A partir daí, o valor, que é obra do trabalho humano, também surge como entidade independente, com uma aparência fantasmagórica. Em seguida, o capital, a economia ou o mercado surgem como um demiurgo que dita o modo de vida e precisa ser alimentado e cuidado. A encarnação sensível desse Deus, nos diz Antunes, é o dinheiro. Acumular os “entes sagrados” (p.227) passou a ser, então, meta de vida. Porém, para conquistar o máximo de tesouro possível, o entesourador deve assumir uma forma de vida ascética. Deve negar os prazeres e se satisfazer somente com a acumulação de dinheiro. À vista disso, percebe-se que o “entesourador [...] comporta-se diante da riqueza material e sensível do mesmo modo como se comporta o crente cristão, em sua ânsia incontrolável pelo Absoluto, renuncia e se afasta do mundo como o diabo que foge da cruz” (p.337). Para ilustrar a figura do entesourador, Antunes o compara a Sisifo. Sisifo é o personagem da mitologia grega que tem como punição eterna a obrigação de levar uma pedra ao cume de uma montanha todos os dias. Ao final do percurso, a pedra retorna à base da montanha para que no dia seguinte precise ser levada novamente. Assim como o personagem grego, o entesourador também possui uma atividade sem fim. Ele deve trabalhar e renunciar aos prazeres para juntar sempre mais dinheiro, que nunca é o suficiente.

A vida asceta, entretanto, não é a única maneira de agradar o deus dinheiro. O hedonismo pertence à outra face da mesma moeda. A atitude hedonista, de ostentação e luxo, faz parte também do modo de vida do capital, pois “O poder do dinheiro oferece [...] ao indivíduo, um poder geral sobre todo o mundo dos gozos e prazeres” (p.356). Ou seja, só é permitido o gozo àqueles que possuem certa quantidade de riqueza. Somente os abençoados possuem permissão para usufruir. Aos demais, é destinada a privação até que consigam um pouco da benção para poder viver. Portanto, o avaro e o hedonista, embora pareçam estar muito distantes, partilham o mesmo terreno. Juntar um milhão ou gastar um milhão é a mesma coisa na lógica do capital. Tais modos de vida podem parecer muito diferentes, mas são iguais fundamentalmente porque as duas atitudes estão baseadas em “uma vida dedicada à arte do dinheiro” (p.356).

Do outro lado, aquele que não possui riqueza torna-se um ser quase inumano, um pária. “Arranque-se este nexos [monetário] dos indivíduos e eles certamente cairão desterrados como marginais para fora da comunidade” (p.241). Por isso, a dor e o sofrimento dos desvalidos, dos indigentes, dos habitantes de bairros ou países paupérrimos despertam pouca empatia.

Com esse modo de vida, surge também uma nova metafísica (ou nova teologia). Nesse novo cenário, a verdade reside somente no que pode ser quantificado, medido ou calculado para gerar lucro. O novo metafísico é o homem prático do mercado. Empresários, economistas, operadores da bolsa (que analisam o movimento da economia como quem ouve os desejos de um Deus), dentre outros, são os heróis da nova mitologia.

Steve Jobs, lendário CEO da Apple, que pode ser facilmente enquadrado como um dos heróis mais bem-sucedidos da economia moderna, cabe aqui perfeitamente como exemplo de um sacerdote da religião laica do capital. Embora pertencesse ao ramo da tecnologia, nunca foi um exímio desenvolvedor de *software* nem de *hardware*. Ficou rico e fez fama por ser um grande empresário, um homem de negócios eficiente. Certa feita, em um discurso em Stanford em 2005, afirmou que trocaria toda sua tecnologia por uma tarde com Sócrates. Sócrates, como sabemos, marcou a história da metafísica com a Teoria das Formas. O filósofo e o empresário possuem em comum o pensamento metafísico, ainda que partam de perspectivas diferentes. De um lado, a metafísica socrática, que considera o mundo das ideias como verdadeiro, e do outro, a metafísica do empírico, que defende a supremacia das formas.

De acordo com Antunes, no contexto da metafísica do empírico, “a única realidade verdadeira e essencial é a da cópia, a do empírico é compreendida imediatamente pelos sentidos. Para eles, a realidade criada pelo pensamento seria mera ilusão e cópia da sensibilidade humana” (p.125). A forma aqui, portanto, é a forma da mercadoria, são os círculos e curvas que constituem os *gadgets* e seduzem os compradores da *Apple*.

Entretanto, ainda que Sócrates seja um dos deuses do “panteão olímpico da metafísica” (p.384), Antunes defende que o pensamento que rege a contemporaneidade é mais pitagórico do que socrático. É Pitágoras (para quem a *arché* era número) que está mais presente na ideologia hodierna porque “a cidade do presente [...] é governada pela racionalidade pitagórica, abstrata, mecânica e impessoal do número, da matemática do relógio e do cronômetro” (p.101). A regra é a submissão aos números, é o tempo compreendido como medida de produção, “*time is money*”. É o relógio do ponto da fábrica que também ocupa os pulsos e os celulares dos trabalhadores.

A obra de Jadir Antunes demonstra-se interessante, pois consegue não só elucidar uma das partes mais intrincadas da obra de Marx, como também demonstrar como a crítica marxista é completamente válida ainda hoje. Desnudando as engrenagens da crítica da economia política, consegue desvelar uma crítica à metafísica na obra de Marx.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

# CRÍTICA marxista

**Ainda a teoria marxista da história**

Vivek Chibber

**A abolição da família monogâmica**

Sergio Lessa

**O (re)começo do marxismo althusseriano**

Luiz Eduardo Motta

**Lenin e a questão agrária**

Ligia Osório

**Entrevista com Domenico Losurdo**

# 35